

## Sociedade digital brasileira

*Adriana da Costa Fernandes*

Do que se fala ultimamente no mundo, especialmente desde os tempos a Pandemia, é de um tempo de maior abertura a mudanças e da quebra de profundos paradigmas.

A sociedade brasileira vem enfrentando novamente um momento de ruptura de padrões comportamentais e, sem que sequer se perceba muito claramente, cabe a todos uma reflexão cautelosa agora acerca de, afinal, que legado este grupamento geracional momentâneo (se é que entendem, essa “*galera do aqui e agora*”) pretende deixar para as gerações que virão a seguir.

É importante que se entenda que o tempo de agir sem se importar tanto assim com a consequência dos atos (*o amanhã eu vejo isso*) e sem a compreensão exata dos efeitos (*eu não quero pensar nisso*), mais do que só ficou para trás, já não é aceitável.

Seja isto em razão da extrema agilidade do transcurso das informações nos meios de comunicação atuais, seja pelo impacto cada vez mais imediato das ações no seu entorno, na vida prática e socialmente. Tudo e todos estamos conectados, o tempo todo. Efeito dominó.

Entretanto, lamenta-se o recado, mas o planeta está doente.

E, neste contexto, o homem está em profunda agonia, mas anestesiado, vivendo desventuras em série. Porém note que não pode ser considerado apenas o homem mediano que vive nas Capitais como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e lá vai. Isso só demonstra que, ainda, que não se perceba a divisão, que já é conhecida e abrupta no campo político, esta é igualmente presente em praticamente todos os outros campos, como cultural,

educacional, religioso, financeiro, familiar e, até mesmo, emocional.

Todos no mesmo barco, entretanto, divididos, separados por cores, guerreando tecnologicamente, mas ansiosamente em busca de alguma ressignificação.

Neste dilema, algumas palavras e atos simplesmente modificam completamente rotas e vidas de pessoas que vinham seguindo em um dado sentido, até então, considerando suas cores durante uma vida. Passando, de uma hora para outra, simplesmente a se sentirem órfãos entre patéticos antagonismos que não fazem o menor sentido.

São grupos inteiros, tantos de alta capacidade, sapiência e envergadura que passaram completamente a carecer urgentemente de outros tipos de significado diários e de existência nos campos da vida. Outros, lamentavelmente, apenas seguem e com nada disto se preocupam. Apenas são usados enquanto meros factoides de massa, descartáveis a partir da próxima estação.

Num retrato mais apurado, das nuances, lá estão os mais velhos que se sentem usados, se ressentem de nada entenderem e de nada reconhecerem acerca do que viveram logo ali atrás. Dos bem mais novos, tantos já tentando sobreviver, ajudar as famílias a isto e outros apenas se mantendo ainda alijados de tanto, vivendo em ilhas digitais e de grupo muito próprias, com o intuito de se protegerem ou, apenas, não se aborrecerem. E no meio os mariscos, apanhando fortemente, entre o mar e o rochedo, de lá, de cá, lá vamos nós. *Segura a força aí, Yemanjá!*

Que se saiba, o país se transforma mais e mais como a Índia e suas castas. A crise de saneamento básico e segurança só se agravam. E a sociedade segue separada cada vez menos sutilmente separada por regras de conduta, postura, convivência, moradia e a

velha norma implícita do tempo de Carlota Joaquina do “*Quem conhece quem*”. Se já era assim antes, agora ainda mais.

O grupo nega e veta Maria. Dizem que ela é ótima, mas tem a pele meio assim ou assado. Ih, isso é crime! É racismo. “Tá”, mas, mas não é por isso, ela mora lá e que aqui não pode frequentar. É competente ao extremo, mas estudou acolá e aqui não pode trabalhar. Se veste assim, pensa de tal forma e tem a ousadia de dizer o que pensa. Ah, é mulher ainda por cima. Banca o seu corpo, resolveu ser mais gordinha, tem tatuagem, usar *piercing*, óculos grande e estranho, cabelo curto, longo, cacheado, ruivo, com mecha, não importa. O que importa, mesmo, é criticar e dizer que ela é “*ousada, folgada e abusada*”, não é mesmo? Afinal é diferente de nós e não se quer lidar com isso. Sai para lá, Maria, sua louca, bipolar, doente. Afinal, o que é mesmo isso? Eu que nem sei... Do jeito que nem sei tantas coisas.

O Brasil continua sendo patriarcal, pouquíssimo plural, (*cada um no seu grupo é mais legal*), assumindo um rumo digital estranho, insensível com os idosos, deixando que se desgaste um de seus maiores e melhores sistemas legais, o Consumerista, justamente por questões de Cibercrime, estranhamente, adotando julgamentos jurisdicionais tantas vezes questionáveis, por serem até suaves na proteção do que se aqui debate, e estabelecendo regras internas confusas, às vezes opostas, em alguns campos, simplesmente tudo isto porque os brasileiros, de uma forma geral, neste mundo B.A.N.I. (frágil, ansioso, não linear e não compreensível) está, mais do que nunca, confuso e precisando, francamente, de um grande basta.

Uma sociedade convulsionada apresenta uma profusão de assuntos diários a serem debatidos e todos acabam por desaguar no mesmo lugar: no quanto os recursos tecnológicos estão sendo mal utilizados pela maioria.

E assim, quem tem a possibilidade de bem explorá-los, ainda acaba por pouco esclarecer a quem, não conhece, ao invés de compreender que ganha mais se a sociedade como um todo alavancar. Essa é a responsabilidade dos grandes. Fazer com que os pequenos compreendam que precisam destes novos recursos para melhorar sua vida, sua lógica, sua qualidade de vida.

Não dá para ficar sentado esperando que um idoso, alguém com pouco recurso financeiro ou quem nada compreende daquilo que se trata, bata na porta e peça suporte.

As políticas públicas, as parcerias público-privadas, a iniciativa empresarial independente, seja do tamanho que for, deve fazer isso, ir ao encontro do outro, seja este outro, especialmente o mais frágil. E buscar o interlocutor, comunicar, publicizar. Esta é a lógica, inclusive, do novo Decreto de Cibersegurança Federal.

Posto, Brasil, que se aja, que se inicie a tarefa de todos nós.

Que caminhemos juntos, coletivamente. Ainda que por meio de pequenos e singelos passos em nosso mais simples cotidiano.